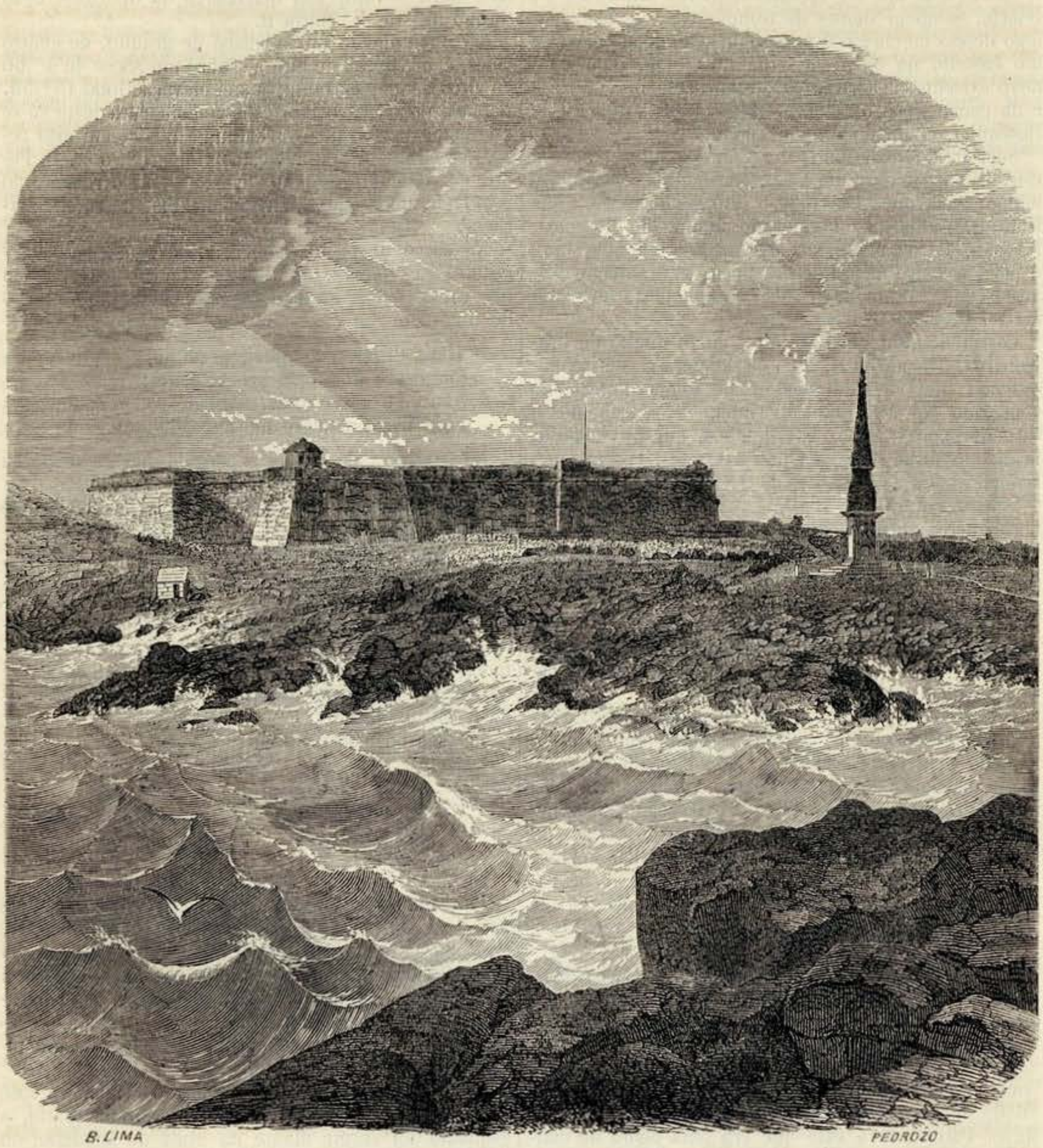


Fortaleza da barra de Villa do Conde

Lança-se no Oceano o rio Ave proximo de Villa do Conde, que está sentada na margem do norte do rio, em distancia de uns 800 metros da barra. Esta presentemente é estreita, e só permitte a entrada a navios de pequena lotação. Porém nos primeiros tempos da monarchia era muito mais ampla e mais profunda. As tempestades do sul e as cheias do rio não tem cessado, no correr dos seculos, de augmentar o cabedello que a aperta, e de a entulhar de areias.

Até ao principio do seculo XIV esteve exposta, e por conseguinte Villa do Conde, que já existia, ás incursões dos inimigos, principalmente dos piratas das potencias barbarescas, que infestavam de continuo as costas de Portugal. D. Affonso Sanches, filho bastardo del-rei D. Diniz, e que n'essa epocha era senhor de Villa do Conde, resolveu fortificar a barra para defensa não só da villa, mas tambem do convento de freiras de Santa Clara, que acabava de edificar na parte mais alta da povoação, onde a esse tempo se viam restos de um castello romano. Mandou, pois, construir na foz do Ave, do lado do norte, junto á ermida de Nossa Senhora da Guia, fundada pouco antes pelo mesmo principe, uma plataforma em que poz quatro *pedreiros*. [1] Mais tarde, vulgarisado o uso da polvora, foram substituidos os pedreiros por peças de artilheria de ferro.

D. Affonso Sanches e sua mulher, D. Theresa Martins, deixaram por sua morte o senhorio de Villa do Conde ao convento de religiosas de Santa Clara, que o desfructaram pacificamente até ao reinado de D. Duarte. Este soberano principiou a contestar-lhes os seus privilegios, e el-rei D. João III acabou a questão

[1] Peças que se collocavam sobre cavalletes, e que eram carregadas com pedras, em vez de balas de ferro.

desapossando-as d'aquelle senhorio, do qual fez logo mercê a seu irmão, o infante D. Duarte, duque de Guimarães. Fallecendo este infante no anno de 1540, e succedendo-lhe no mesmo senhorio seu filho, D. Duarte, tambem duque de Guimarães, este principe, logo depois de chegar á maioridade, mandou construir um castello na barra de Villa do Conde, segundo o novo systema de fortificação, e encarregando do risco e da construcção o celebre architecto de Filippe II de Hespanha, chamado Filippe Tercio.

Soprendido pela morte na flor dos annos, deixou este principe a obra em meio, e assim ficou por muito tempo; pois que, passando o dito senhorio para sua irmã D. Catharina, mulher do duque de Bragança, D. João, 1.º do nome, não tardaram a rebentar sobre o paiz, e sobre a casa de Bragança, as desditas e desgostos, que foram as tristes consequencias da perda del-rei D. Sebastião em Africa.

Corria o anno de 1624, quando o duque de Bragança D. Theodosio II, filho da duqueza D. Catharina, ordenou que se continuassem as obras do castello começado por seu tio. Superintendeu os trabalhos o sargento-mór Antonio de Villalobos, que os concluiu, ficando a fortaleza com cinco baluartes. Porém, succedendo poucos annos depois a gloriosa revolução do 1.º de dezembro de 1640, e rompendo aquella porfiosa guerra entre Portugal e Castella, em que se passaram quasi vinte e oito annos, foi melhorado o castello durante a lucta com mais algumas obras de defesa.

Não obstante a construcção d'esta fortaleza, conservou-se sempre a platafórma, á qual se addiccionou em 1832 um parapeito, assestando-se n'ella dois canhões de calibre 18.

O castello foi dedicado pelo fundador a *Nossa Senhora da Assumpção;* porém, actualmente, só é conhecido pela invocação de S. João Baptista, que é o orago da matriz de Villa do Conde. Ainda não ha muitos annos era guarnecido por cinco peças de artilheria de calibre 18 e 24, correspondentes aos cinco baluartes; mas ao presente apenas tem duas. Acha-se em bom estado de conservação, e encerra aquartelamentos e um poço de agua potavel. Compõe-se a sua guarnição de um pequeno destacamento de veteranos, e tres artilheiros.

Durante os trabalhos da construcção d'este castello, em tempo do duque de Bragança D. Theodosio II, um operario, fazendo a excavação para o alicerce, encontrou uma pedra de tão lindo azul, que a guardou cuidadosamente por simples curiosidade, não lhe suppondo valor algum. Passados alguns annos, era em 1636, mostrou-a ao conego da sé do Porto, Belchior Mayo. Parecendo a este que era uma pedra de estimação, levou-a para o Porto, e apresentando-a a um lapidario, que declarou ser uma bella saphira, vendeu-a a um inglez por 25$000 réis. Este, reconhecendo que a pedra tinha muito mais subido valor, foi vendel-a a Paris, onde a acharam tão grande e tão pura, que lhe deram por ella, segundo dizem, a avultada quantia de 28:000$000. Depois que se divulgou o caso, e foi notoria a valia da pedra, não faltaram diligencias de diversos individuos a ver se podiam descobrir mais saphiras. Fizeram-se excavações nas proximidades do sitio onde aquella preciosidade tinha sido descoberta, e com effeito não foi o trabalho inteiramente perdido. Acharam-se mais algumas saphiras, porém muito inferiores á primeira em tamanho e belleza, e, por conseguinte, incomparavelmente menos valiosas.

Entre o castello e a ermida de Nossa Senhora da Guia, ergue-se, junto da praia, o monumento que commemora a chegada da esquadra do sr. D. Pedro, duque de Bragança, áquellas paragens, e o desembarque do sr. Bernardo de Sá Nogueira, hoje marquez de Sá da Bandeira, enviado pelo libertador como parlamentario ao brigadeiro José Cardoso, commandante das tropas realistas alli estacionadas, convidando-o para se unir aos defensores da liberdade e do throno da sra. D. Maria II.

É o monumento um obelisco de granito, de quatro faces, com 10^m,89 de altura, sobre um sócco de 4^m,66 de alto; sendo, portanto, a sua elevação total 15^m,55. Na face do obelisco que está voltada para léste vê-se esculpida uma grande medalha, e n'ella, em alto relevo, a effigie de sua magestade imperial, o sr. D. Pedro de Alcantara, duque de Bragança, e regente do reino em nome de sua augusta filha, a sra. D. Maria II.

No sócco da base do obelisco devem-se ler as seguintes inscripções, que no todo ou em parte, ainda não estão postas. Na face de léste, por baixo do busto do libertador:

«Dois thronos abdiquei, perdi dois sceptros,
Por dar a liberdade á lusa gente;
Não pude fazer mais, se mais podesse,
Fôra Lysia a nação mais excellente».

Na face do lado do sul o periodo que se segue da proclamação do sr. D. Pedro:

«Portuguezes! É chegado o tempo de sacudir o jugo tyrannico que vos opprime. Á frente do exercito libertador, que tenho a gloria de commandar em chefe, eu vos offereço a paz, a reconciliação, e a liberdade. Vinde, portuguezes, unir-vos ás bandeiras de vossa legitima rainha, a sra. D. Maria II. Animae-vos. Contae com a minha protecção. Não hesiteis um só instante. Salvae a honra em quanto é tempo. Estae certos que cumprirei fielmente as promessas que vos fiz n'este manifesto».

Na face do lado de oeste:

«Aqui eu intimei a embaixada
De Pedro, o protector da liberdade,
Com ella estremeceu o despotismo.
Sorriu-se de prazer a humanidade».

Na face voltada ao norte:

«Foi mandado levantar este monumento á custa de donativos particulares, pela Camara Municipal d'este Concelho, e collocada a pedra fundamental em o dia 6 de Janeiro de mil oitocentos quarenta e um em memoria da embaixada que aqui dirigiu Sua Magestade Imperial o Senhor Dom Pedro, Duque de Bragança, em o memoravel dia oito de Julho de mil oitocentos trinta e dois».

É sabido que não tendo annuido o brigadeiro José Cardoso á proposta que lhe levou o parlamentario, a esquadra foi surgir diante da praia do Mindello, ou de Arnosa de Pampellido, onde desembarcou n'esse mesmo dia, 8 de julho, o exercito libertador, que fez a sua entrada na cidade do Porto no dia seguinte. Em commemoração d'este desembarque tambem se erigiu, na praia de Arnosa de Pampellido, um egual padrão, que alli fez levantar o sr. Antonio José de Avila, ao presente conde de Avila, sendo governador civil do Porto. Foi egualmente sob a sua administração que teve começo o monumento junto da barra e Villa do Conde.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O CHANCELLER BACON

(Vid. pag. 318)

IX

Sir William Cecil, a quem a rainha accrescentára com o titulo de lord Burleigh, presidia então, sob as ordens da soberana, á suprema administração do estado, no officio eminente de chefe do gabinete (First

Lord of the Treasury). O primeiro ministro era parente de Francisco Bacon, e parecia que nenhum melhor patrono lhe poderia a fortuna deparar, do que um homem em quem se achavam reunidos o poder do cargo e a obrigação do parentesco. Bacon — parece fóra de duvida — cortejou o lord thesoureiro, e, por sua intercessão, obteve da rainha o ser nomeado para o officio de registrario da *camara estrellada*, terrivel e abominavel tribunal, que por aquelles tempos exercia na protestante Inglaterra, e sob fórmas puramente civis, as lugubres funcções de uma inquisição de estado. Pertencia, entre outros deveres, áquelle conselho, o reprimir todas as liberdades, sendo-lhe particularmente encommendada a mais severa vigilancia sobre a liberdade de pensar e de escrever, que, sob o regimen perspicaz da ultima Tudor, era julgada immunidade incompativel com os direitos da realeza e com a tranquillidade da nação.

Era realmente singular a ironia com que o destino deputava a ter officio em tão reprehensivel magistratura, aquelle homem que depois havia de ser inscripto nos fastos do pensamento livre, como um dos seus mais convictos e zelosos propugnadores.

Apesar dos laços que estreitavam pelo mesmo sangue a Bacon e a lord Burleigh; apesar de que a rainha, ciosa de circundar-se dos mais brilhantes engenhos do seu tempo, revelára o alto conceito que fazia do moço jurisconsulto, recebendo-o algumas vezes nos seus paços e praticando com elle ácerca de negocios publicos, é, todavia, certo que Francisco Bacon, recebida a nomeação de *registrario*, nunca pôde, em vida de Isabel, tomar posse d'aquelle cargo e receber as mil e seiscentas libras que rendia.

Lord Burleigh, duro de coração, egoista, como todos os homens educados na corte e habituados a curar só da sua fortuna nos lances arriscados do favor real, odiava profundamente o conde de Essex, por ser aquelle que, no animo caprichoso da rainha, contrapesava a valia do ministro. Bacon era cliente do mal-afortunado favorito. Além d'isso, a perspicacia do velho cortezão adivinhára no mancebo o futuro que o esperava, se uma vez chegasse a conquistar o favor da soberana, a qual, já no declinar da vida, mas sempre vaidosa dos seus encantos feminis, pendia para conceder a sua confiança e valimento á edade juvenil, quando principalmente a realçavam o trato aprazivel, o porte cavalheiroso e a cultura espiritual. Receava o astuto conselheiro que Bacon viesse roubar-lhe em verdes annos o seu logar na corte de Isabel, e offuscar, pelos dotes de um espirito eminente, a gloria ephemera do cioso thesoureiro.

Ora Bacon era joven, gracioso na compostura do seu gesto, talhado de molde para cortezão pela gentileza do seu espirito, admirado já na corte por seu engenho singular e por sua profunda meditação. Approximal-o da rainha; dar-lhe entrada nos officios politicos; ceder-lhe campo, onde publicamente luzissem aos olhos de Isabel os meritos de Bacon, era para lord Burleigh abrir a estacada no torneio da ambição a um vigoroso justador, que podia pôr em risco o poderio e os laureis do artificioso e provecto cortezão.

A alliança de Bacon e do conde de Essex achou nos perfidos meneios de lord Burleigh novos laços com que apertar-se mais e mais. Acudiu o favorito ás obrigações de amizade, e de sua propria fazenda repartiu com o futuro chanceller. Conta-se que lhe fizera doação de predios seus, e que, aonde não podéra chegar com a régia munificencia em beneficio do seu amigo, supprira com a propria generosidade e bizarria.

A rainha Isabel havia muito que perdêra os ultimos encantos da mocidade e da belleza, quando concedeu a Roberto D'Evreux, conde de Essex, o perigoso privilegio da sua affeição particular. As honras e dignidades accumuladas no valído davam a medida justa das sympathias da soberana. Nomeado grão-mestre da artilheria, membro do conselho privado, e cavalleiro da insigne ordem da Jarreteira, honra disputada por principes e senhores da mais alta jerarchia, o conde de Essex tentava reanimar, nos fins do seculo XVI, o espirito cavalleiroso da meia edade, tomava nos torneios e nos recontros o logar de paladino, e elegia por sua dama a rainha, já então sexagenaria. Mais esforçado cavalleiro que afortunado general, o conde de Essex nem sempre nas facções militares que commandava, conseguira os mais solidos trophéos. Desbaratado na Irlanda, onde o estandarte da rebellião se havia desenrolado contra Isabel, a sua estrella começou de empallidecer. Aos olhos da rainha, que personificava a impaciencia da Gram-Bretanha, quando se trata de vencer, e que soubera sempre encadear a fortuna submissa ao seu carro triumphal, era quasi um delicto não ser feliz nas emprezas militares, e voltar das expedições sem ter punido a rebeldia dos contrarios. Essex principiava a descair da graça de Isabel. Assim como um capricho de mulher o elevára, um capricho de rainha acabou de o immolar. Não ha para os valídos hoje senão o ephemero poder, comprado por lisonjas, ou a quéda estrepitosa por entre populares imprecações. N'aquelle tempo era, porém, a alternativa mais ardua de levar. O valido deixava quasi sempre o estrado real, onde se humildava até á abjecção, e seguia direito o caminho do cadafalso. Da mentira pomposa do soberano passava sem gradação á verdade cruenta do verdugo. Eram estes os costumes d'aquella edade. E o filho mimoso da fortuna, quando á noite se enfeitava e engalanava para assistir em trajos cortezãos ao intimo viver do seu monarcha, nunca sabia ao certo se havia de ser ao cabo d'aquelle dia o escudeiro respeitoso ou o brutal saião da Torre ou de Newgate, quem lhe despiria as rendas e laçarias.

O conde de Essex, accusado de traição, não achou na piedade da rainha o perdão da pena capital. A cabeça do valído rolava em 1601 no cadafalso, e o seu nome cerrava quasi a lista dos homicidios judiciarios, de que se compoz o longo martyrologio politico e religioso no reinado de Isabel. Desde esse tempo, a rainha começava a descer lentamente as escadas do seu jazigo, que, dois annos depois, havia de sellar-lhe a justiça do Supremo Vingador.

O supplicio de Essex deixava Bacon sem patrono na moribunda corte de Isabel. Roberto Cecil, o filho de lord Burleigh, tomára nos conselhos da rainha o logar eminente de seu pae. Que havia de fazer Bacon quando a secúre do algoz cortou, no viço da juventude, a nobre cabeça do favorito? Pranteal-o publicamente, morto e diffamado, como o cortejára vivo e requestado da fortuna. Correr o lance da vida propria para não desmerecer as obrigações sacratissimas da honra. Mas Bacon era ainda, nos seus primeiros annos, o mais lastimoso exemplo de um talento robustissimo alliado a uma culposa debilidade de caracter e a uma ingrata rebeldia de coração.

Nos tempos em que mais indomita e feroz se manifesta a immunidade e crueza do poder, então é mais intensa e dedicada a sensibilidade popular. O rasto de sangue que seguia a rainha de Inglaterra no seu longo e lugubre reinado, não passava sem excitar a indignação nos seus estados. A opinião, que sagrára martyr a gentil e graciosa Maria Stuart, rompia agora em lamentos e execrações, vendo a soberana e o seu governo tingir mais uma vez as mãos no sangue de um mancebo generoso. Mas ha sempre um apologista para os crimes dos potentados. Nunca os tyrannos, ao verem espadanar o sangue das suas victimas, deixaram de invocar a justiça e a razão de estado. Era necessario um defensor do governo e da rainha. Era pre-

ciso corromper e polluir um homem já reverenciado por suas letras, para que, sobre a cabeça do indiscreto apologista, caíssem os odios e imprecações da rebellada opinião. Esse homem foi Bacon. O futuro reformador da philosophia, o philosopho profundo, o que havia de ser um dia honra e gloria intellectual da sua patria e da policiada humanidade, foi então o desdoiro das letras, e o sacrilego offensor do seu proprio entendimento.

Vêde que de malfeitorias e de ultrajes ao sentimento, á moral, á dignidade! Bacon libellista; Bacon, prostituindo o genio á vindicta ignobil de uma corte sem pudor; Bacon, passando com o carro do seu triumpho sobre a cabeça destroncada do seu amigo e bemfeitor, como a filha sacrilega do rei de Roma, mutilando na sua carreira de bacchante da ambição o venerando cadaver de seu pae; Bacon, ingrato, blasphemo, difamador, lisongeiro, e por fim quasi parricida! Oh! philosophia! cobre o rosto com tuas mãos puras de sangue e virgens de adulação! Oh! gloria! deixa que ao menos um brevissimo eclipse de teus raios rememore aos évos o crime abominavel do teu filho predilecto! Oh! homens, que fiaes tudo só do engenho! aprendei n'este exemplo doloroso, que, se a Providencia vos quinhoou generosamente com os dons preciosos do entendimento, foi para que os hajaes de trazer constantemente emparelhados com a excellencia do caracter e a candura do coração!

Ao publicar-se o escripto de Bacon, onde se revelavam e exaggeravam os crimes e traições do desditoso conde, a magnanimidade britannica exhalou-se em clamores de odiosa reprovação contra a perfidia do escriptor. Diz-se que as paixões politicas, irritadas por esta fellonia moral, estiveram muitas vezes a pique de cevarem-se na morte do impiedoso libellista. Bacon, oppresso pela vindicta implacavel da opinião, escreveu e divulgou a sua propria apologia, na qual, prestando culto á sua reputação, procurava contestar as accusações com que o pintavam objecto de execração e de desprezo aos olhos da christandade.

É certamente deshonra grande para o talento, que um dos seus mais mimosos filhos consentisse em prostituil-o para agradar a uma realeza maculada pelo sangue, e cortejar ministros infamados pelo abuso do poder. E quantas vezes não temos nós visto depois os mais viçosos e resolutos entendimentos esquecerem a sua nobreza e magestade intellectual, sentarem praça de rasteiros cortezãos, e fazerem da palavra a ignobil alabarda dos suissos do poder!

Não vemos nós mais tarde Milton, enleiado nas intrigas da politica, ornando a corte de um feliz aventureiro? Não vimos em nossos dias tantos engenhos peregrinos deslustrando a sua vida espiritual com os enredos mesquinhos da ambição?

(Continua) J. M. Latino Coelho.

FABRICA DA ABELHEIRA

A quinta da Abelheira, proxima do logar de Santo Antão do Tojal, pertencia outr'ora ao mosteiro de S. Vicente de Fóra de Lisboa, da ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho. Era uma das melhores propriedades d'este mui rico mosteiro, tanto pela sua grande area como pela circunstancia de ser atravessada de um rio, que sempre tem corrente, mais ou menos, ainda mesmo no verão; circunstancia muito importante em uma provincia como a Extremadura, pouco abundante de agua.

Aproveitaram os conegos esta vantagem para crearem alli um estabelecimento fabril. Fundaram pois na dita quinta, junto do rio do Tojal, que n'este sitio tem o nome de Trancão, uma fabrica de papelão e papel pardo, pelo systema de fôrma, cujos productos vendiam por conta propria em uma loja do seu quarteirão do Rocio de Lisboa, com porta para a rua da Bitesga.

Depois da extincção das ordens religiosas comprou a quinta da Abelheira, em 1836, o negociante João de Oliveira, que ao diante foi ministro da fazenda, barão e conde do Tojal. Nos primeiros tempos conservou o estabelecimento no mesmo estado em que o achou, mais pelo pezar de despedir os operarios, do que por especulação mercantil.

Sem se resolver ainda a dar desenvolvimento á fabrica, e até sem mudar de systema de fabrico, fez-lhe consideraveis melhoramentos. Vendo porém que o resultado não correspondia ao muito que dispendêra n'esses aperfeiçoamentos, resolveu-se então a dar um forte impulso ao estabelecimento, que em poucos annos se transformou em uma importantissima fabrica de papel.

Mandou, pois, vir machinas do systema continuo, e augmentou o edificio da fabrica. Principiou esta a trabalhar com o novo machinismo no anno de 1841, fazendo diversas qualidades de papel de escrever e de impressão, que mostravam já bastante aperfeiçoamento n'este ramo da industria em que jazeramos, por largos annos, no mais vergonhoso atrazo.

Apesar de todos estes esforços, falleceu o conde do Tojal deixando esta sua empreza fabril ainda longe de poder competir com a industria estrangeira, tanto a respeito de perfeição, como de barateza dos productos.

Felizmente não afrouxou o impulso dado á manufactura do papel por este nosso industrioso compatriota. Os diversos proprietarios que lhe succederam na posse e administração da fabrica, proseguindo no mesmo louvavel empenho, tem-lhe introduzido mui consideraveis melhoramentos, mandando vir novas machinas, e aperfeiçoando por outros differentes modos o fabrico do papel. Actualmente os seus productos são estimados e procurados a ponto de não poder satisfazer todas as encommendas, principalmente de papel de impressão.

O edificio da fabrica é grande, como se poderá ajuizar á vista da gravura que d'elle publicâmos. A parte principal compõe-se de quatro corpos, formando um espaçoso pateo, que lhe fica no centro.

Além de dois engenhos de lavar e triturar o trapo, tem peneiras e caldeiras movidas por vapor para o peneirar e ferver, e duas grandes machinas de fazer papel, com as competentes machinas de cortar; varias calandras, prensas hydraulicas, etc.

Agua e vapor são os motores de todo este machinismo por meio de duas machinas, uma da força de 7 cavallos, e a outra de 45 cavallos.

Tem esta fabrica um vasto reservatorio, obra dos conegos; mas não obstante a sua grandeza, não suppria a todas as necessidades do consumo, sobretudo no inverno quando o rio, de que se alimenta, traz as aguas turvas em consequencia das cheias, e, por conseguinte, incapazes para o fabrico do papel branco. Para obviar a esta difficuldade está em construcção outro reservatorio de maiores dimensões.

Emprega este estabelecimento, além do pessoal do escriptorio e armazens em Lisboa, um director technico e um engenheiro, que são estrangeiros, um fiscal, dois machinistas, um chefe de luxador (repartição onde se acaba o papel e se preparam as resmas), 80 homens, e 72 mulheres.

Faz-se alli muita diversidade de papel desde o papel de escrever até ao de cores. No anno passado produziu 427:500 kilogrammas de papel de todas as qualidades, sendo a maior parte do de impressão. Este algarismo, porém, deve subir este anno em attenção a alguns novos processos que alli se tem introduzido

ultimamente; e mais subirá, sem duvida, para o futuro logo que estiver concluido o segundo reservatorio, e, por conseguinte, habilitada a fabrica para trabalhar sem interrupção.

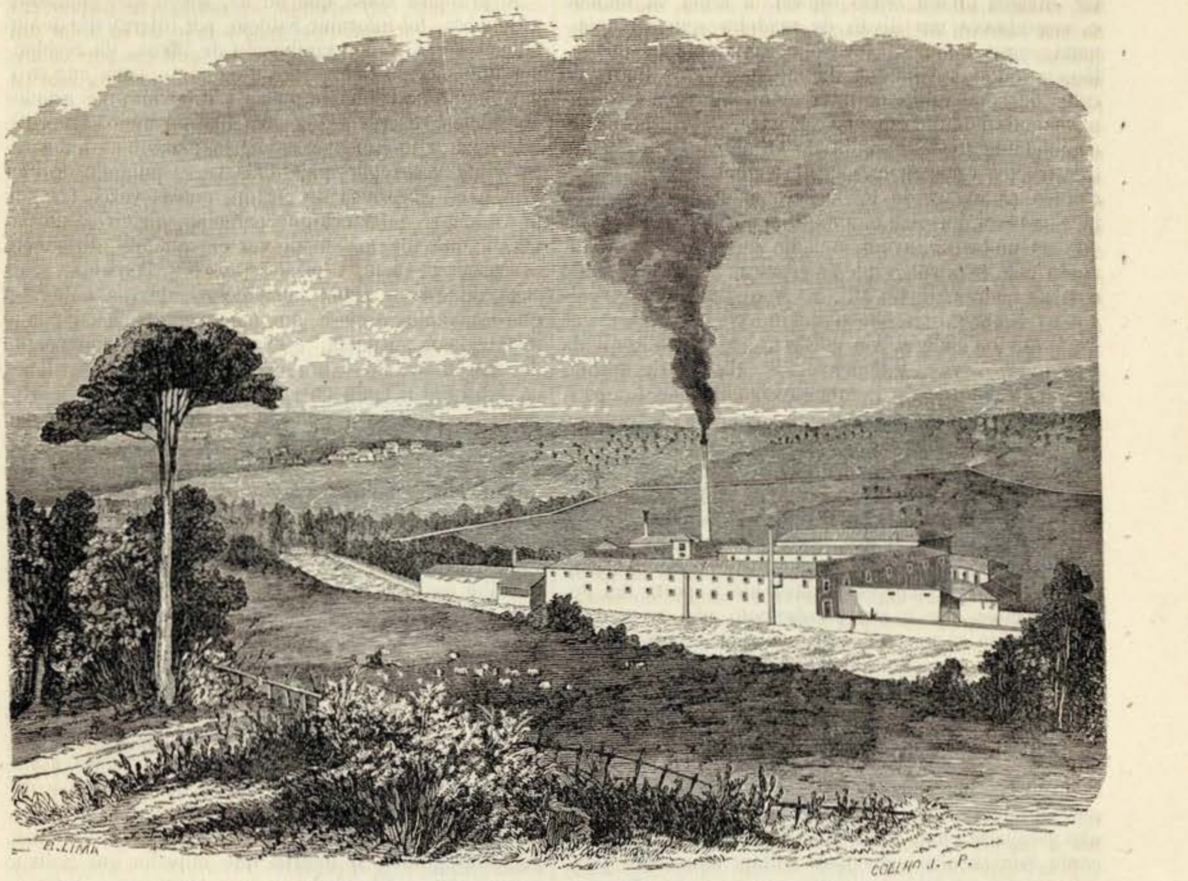
É o trapo a materia prima que ahi se emprega. Todavia tem-se feito ensaios de outras diversas materias primas, posto que sem resultado satisfactorio, isto é, mostrando a experiencia que a todas é preferivel o trapo.

Os premios que tem obtido, em diversas exposições industriaes, os productos da fabrica da Abelheira, dá honroso testimunho dos progressos d'este estabelecimento. Foram, pois, premiados nas exposições de Londres de 1851 e 1862, na de Paris, nas do Porto de 1857 e 1861, e na de Lisboa de 1863, promovida pela *Associação Promotora da Industria Fabril*, que lhe concedeu a medalha de prata.

Pertence actualmente esta fabrica a mr. William Smith, consul de Inglaterra em Lisboa, e cunhado do fallecido conde do Tojal. É administrador geral do mesmo estabelecimento o sr. Luiz Jardim.

A nossa gravura é cópia de um bello desenho original do sr. Barbosa Lima.

I. DE VILHENA BARBOSA.



Fabrica da Abelheira

REGINA

(EPISODIO DAS CONFIDENCIAS)

TRADUZIDO DO FRANCEZ DE A. DE LAMARTINE

(Vid. pag. 315)

XXIX

Fui ter a Pont-de-Pany, com a princeza e sua avó, prompto a acompanhal-as a toda a parte, onde o auxilio de um amigo de Salucio as podesse proteger contra o seu isolamento. Depois de deliberarmos um instante, reconhecemos que o irem ellas morar para Paris, debaixo das vistas do nuncio, e sujeitas á acção immediata de um governo ligado com a corte de Roma por uma deferencia politica e religiosa, tinha os seus inconvenientes e os seus perigos. Resolveram, seguindo os meus conselhos, saír de França, e dirigir-se a Genebra pela estrada de Dijon. N'esse paiz neutral, a dois passos do Simplon e de Milão, isto é, ligado com a Italia, podiam com mais segurança enviar a Roma mensageiros confidenciaes, recebel-os de lá, e esperar com maior isolamento e maior segurança a liberdade de Salucio, e as consequencias do processo que estavam decididas a intentar perante os tribunaes romanos, a fim de contestarem a validade do matrimonio, e recobrarem assim a sua independencia.

Pozemo-nos, por conseguinte, a caminho, em direcção a Genebra, aonde chegámos sem novidade.

Tratei logo, assim que cheguei a Genebra, accedendo ao desejo que elles exprimiram, de procurar á beira do lago uma casa modesta, solitaria e agradavel, onde as duas senhoras, que queriam conservar o incognito, podessem passar o tempo mais ou menos prolongado do seu exilio. Uma casa n'essas circunstancias só a encontrei a alguma distancia de Genebra, nos arredores da cidadesinha de Nyon. Consistia em duas ou tres quadras rentes do chão, que deitavam para uma alfombra plantada de tilias, e alguns quartos no primeiro andar para a condessa Livia, para sua neta, para a ama, e para as duas criadas que eu tinha ajustado em Nyon. Um quartinho com paredes de ta-

biques, situado por cima da loja do jardineiro, e separado por um pomar do resto da habitação, serviu-me de aposento. Esta casa, ainda que apparentemente pobre, era deliciosa. O pomar confundia-se, do lado fronteiro ao lago, com um bosque de castanheiros cortado, em differentes sitios, de veredas naturaes areiadas, por onde se podia ir até ás montanhas. Um jorro de agua, que descia por um canudo de pinho, e corria por uma torneira de cobre, batia de dia e de noite, produzindo um som a que o vento dava diversas modulações, n'um tanque de pedra onde iam beber as vaccas e os passaros. Diante da fachada da casa da princeza, uma columnata de troncos de pinheiros arrancados e tornados a plantar invadia, n'um curto espaço, a areia da lameda e ensombrava um divan de madeira sem ser aplainada, para onde se levavam as almofadas do salão, e onde a condessa Livia passava as horas do calor na companhia da ama. A alfombra, que terminava mais adiante em suave ladeira, teria o horisonte completamente desassombrado se não fossem dois ou tres freixos outr'ora estroncados, que pareciam brotar d'entre as ondas do lago. Para além dos freixos, a ladeira precipitava-se e ia expirar nos seixos da praia, que as ondas agitavam, quando havia vento, produzindo esse leve ruido que as crianças fazem brincando com as pedras. Havia alli, ao pé de um immenso salgueiro branco, um banco de musgo entre as raizes da arvore, d'onde se via em frente e para a esquerda Lausanna, Vevey, Villeneuve, S. Gingo, os desfiladeiros do Valois, e as innumeraveis cumiadas brancas, de neves eternas, que servem como de degraus ao Monte Branco. Regina vinha sempre conversar commigo para esse sitio, a perguntar-me o nome d'esta montanha e d'aquell'outra, e se do lado d'além d'essas neves estava a Italia, e depois se do cimo d'essas montanhas se via Roma, e depois quantos dias e quantas horas de marcha se gastavam correndo a bom correr, da falda d'esses montes até á porta del Popolo? Via-se que o seu pensamento não se sentava um instante só com ella n'esse delicioso sitio, e que a sua alma transpunha com mais velocidade essas alturas do que as transpõem esses roseos raios de luz que reverberam nos gelos, para ir cercar de uma continuada aspiração as negras muralhas do castello de Santo Angelo. A sorte de Salucio não lhe inspirava sérias inquietações; a sua qualidade de estrangeiro protegia-o contra as sevicias a que um romano não escaparia; mas tinha essa impaciencia juvenil que conta por seculos, que nem voltam mais nem parecem ter fim, todos os minutos que a paixão não aproveita.

Como podia eu consolal-a, se eu estava inconsolavel de uma outra ausencia! Uma precoce experiencia me ensinára que o papel de consolador importuno, intempestivo, odioso em quanto a dor não consente allivio, só se torna suave e agradavel quando o soffrimento esmorece, e procura elle mesmo a consolação. Vivia, o mais que me era possivel, longe d'ella, deixando-a entregue á sua propria vontade, aos seus devaneios, á sua solidão, ás suas lagrimas, divagando eu mesmo, uma parte do dia, nos desfiladeiros do Jura, lendo, escrevendo, aqui e acolá, alguns versos sobre as scenas deslumbrantes que eu tinha, sem cessar, diante dos olhos, e assiduo unicamente em visitar á noite a condessa Livia, cujas horas eu procurava desenfastiar tanto quanto em mim cabia.

Assim consegui que Regina me consagrasse um affecto familiar e expansivo, o que não conseguiria talvez se nas nossas relações de todos os instantes eu tivesse mostrado o zêlo serviçal e o servilismo de condescendencia, que a sua belleza e bondade teriam talvez inspirado a outros. Não quero dizer com isto que me não deslumbrasse essa formosura tal que nenhuma outra eu vira na Europa, que se lhe podesse comparar. Contemplava-a como quem contempla, durante o estio, a luz de uma chamma nos estevaes, admirando os resplandores do fogo, mas sem se ir aquentar a elles. Regina nem se lembrava que eu era um rapaz, nem sabia se eu era bonito ou feio, se o meu aspecto era attrahente ou repellente. Sabia que era o amigo de Salucio e nada mais. Esse titulo livrava-a de todo o constrangimento para commigo. Parecia-lhe que eramos intimos desde o momento em que conhecêra Clotilde e amára seu irmão.

XXX

A primeira coisa que eu fiz, assim que chegámos a Genebra, foi informar Salucio, por intermedio de um official suisso, meu conhecido de Roma, da residencia que eu escolhêra para Regina, e para sua avó, em quanto se viam obrigadas a estar fóra dos estados pontificios. Escrevia-nos pelo mesmo meio. Ignoro o que dizia a Regina n'essas cartas: via-lh'as ler e reler vinte vezes por dia, umas vezes pulando de alegria e de esperança no jardim, outras vezes fazendo movimentos de colera que pareciam dirigir-se ao papel, e que lhe faziam de vez em quando atirar com as cartas ao chão, e pisal-as aos pés. Percebia, pelos seus olhares e pelas suas meias-palavras á hora a que estavamos á mesa, que o achava demasiadamente resignado á ausencia, e demasiadamente convencido de que devia fazer um certo numero de sacrificios ao futuro e á fama da sua amada. Que lhe importavam a ella a sua reputação e o seu futuro? Não via senão a elle n'este mundo. Porém Salucio, que vivêra muito tempo na Inglaterra, tinha até no amor um tal ou qual reflexo do sangue frio, do delicado recato, e do sentimento quasi religioso das conveniencias que distingue essa sociedade de methodo e de bom senso. Era evidente que não queria de modo algum, ainda que lhe custasse a vida, sacrificar a honra, o futuro, e a riqueza de Regina á sua propria ventura, se os seus letrados perdessem o processo intentado para annullar o casamento, e ella voltasse, por conseguinte, para o poder de seu marido. Eu mesmo percebia vagamente essa delicadeza, que vinha talvez um pouco tarde, nas poucas e tristes palavras dos bilhetes que elle me mandava dentro das cartas enviadas a Regina e á condessa. Mas as cartas dos letrados e dos amigos de Livia davam toda a certeza de que o matrimonio seria annullado dentro em pouco. Cessaria, por conseguinte, o motivo que impedia que Salucio recuperasse a liberdade, e que obtivesse a mão de Regina, mão que a condessa Livia, que já o considerava como seu neto, lhe concederia com todo o gosto.

As feições de Regina ora resplandeciam com a luz de uma louca alegria, ora se anuviavam com as sombras da tristeza, conforme as cartas de Roma, dirigidas a Nyon por um banqueiro de Genebra, traziam ou esperanças ou angustias a estes dois corações. Nos dias de alegria, Regina queria correr commigo por cima do areial para derramar por toda essa formosa natureza os enlevos em que se arroubava. Nos dias de tristeza, fugia de mim, ou amuava-se commigo, como se eu tivesse culpa das tergiversações da sorte e dos escrupulos de delicadeza do seu namorado. Eu seguia os seus caprichos sem os contradizer, ou lamentando-os no fundo do coração. Quando a paixão é justa, deixa de ser paixão. No dia seguinte voltava para junto de mim, e parecia desculpar-se mudamente para commigo da sua injustiça, tratando-me com mais affectuosa familiaridade. Tudo isso eu supportava como se fosse uma irmã quem m'o fizesse, porque principiava a presentir que alguma desgraça lhe estava imminente. Tratava-a como devem ser tratados os

infelizes, os doentes, as crianças, que não são responsaveis pelas suas sensações. As d'ella começavam a ser tumultuosas como a atmosphera cheia de vagas ameaças, que se lhe carregava em torno. Dentro de algumas semanas devia ser julgado o processo; tardavam as cartas.

XXXI

O banqueiro de Genebra mandou-me avisar em segredo, que tinha que me entregar pessoalmente uma carta, e que lhe ordenavam positivamente que m'a entregasse em mão propria. Tomei um pretexto qualquer para ir a Genebra, a fim que Regina e sua avó não podessem suspeitar o motivo da minha digressão. Quando cheguei a Genebra, corri a casa do banqueiro. Entregou-me um volumoso pacote que vinha de Roma. Voltei a Nyon, e pelo caminho abri o pacote. Encerrava uma comprida carta, de cinco ou de seis folhas de papel, para mim, e outra mais pequena para Regina. Esta devia eu entregal-a com precaução e cautela, e depois de ter lido a que me era dirigida. Eu estava só n'um d'esses carrinhos suissos, que alugára em Nyon. Li-a, sem distracção. Ahi vão os pontos principaes.

DECIMA OITAVA CARTA

«Roma, palazzo...

«Cumpri o meu dever, meu amigo, mas sinto que o cumpri á custa da minha existencia. Não importa; cumpri-o, e sinto que a minha consciencia me approva em quanto se me parte o coração. Tenho em mim duas pessoas distinctas; uma d'ellas foi victima da outra. Regina está livre; póde agora voltar a Roma com a sua pobre condessa, voltar ao palacio ou ás quintas de sua avó, viajar ou viver na sua patria sem receiar que o principe a chame, a constranja, ou tente perturbar a sua independencia. Uma palavra pronunciada por mim deu-lhe de novo nome, liberdade, bens e patria. Podia eu hesitar mais tempo a pronunciar essa palavra? Appello para a tua sentença. Decide!... Mas não, não decidas; o que está feito, está feito. Eu mesmo sentenciei, e, se me arrependesse um minuto só da sentença que lavrei contra mim mesmo, seria o mais cobarde e o mais egoista dos homens. Quero morrer de dor, não de vergonha.........................

....

«Na vespera do dia em que tinha de se julgar o processo da princeza, os meus letrados receberam propostas do principe***. Vieram n'essa mesma noite transmittir-m'as, acompanhados por um membro omnipotente do governo. Aqui está o que elles me disseram em nome da parte adversa:

—«O processo da princeza***, cuja causa unica é o senhor, em que o seu nome ha de figurar, em que o seu depoimento ha de ser invocado, decide-se ámanhã. Não lhe occultâmos que, apesar dos nossos esforços, não podêmos encarar, sem terror, esse julgamento. Os precedentes, os costumes, as familias principaes de Roma, a sua qualidade de estrangeiro, tudo milita contra o sr. conde, ou, antes, contra a princeza e sua avó. Seremos condemnados. A condemnação traduz-se na clausura eterna n'um convento para essa senhora, a quem adora, ou no exilio sem esperança de voltar a Roma, e com a perda de todos os seus bens. Temos obrigação de o avisar, visto que a ama. Aqui tem a sorte que espera o seu amor; reflicta! Nem sequer fallâmos no estygma infamante, que vae ser estampado n'esse nome juvenil, pelas revelações e pelos depoimentos dos dois homens do povo, que tomaram parte no rapto, e que expiam a sua condescendencia dentro dos muros de um carcere. Esse nome ha de produzir em Roma um ruido escandaloso, cujo echo se ha de prolongar pela Europa. A princeza conta dezeseis annos; pense que tem, durante uma vida inteira, de esgotar o calice do martyrio, e de sentir a sua proscripção e as suas humilhações perante o mundo!

«A dor, a fuga, e os climas estrangeiros dissolverão em breve nas lagrimas a pouca vida que resta a sua avó. Que futuro se antolha a uma senhora de tanta formosura, de tanta nobreza e de tão florea edade? Diz-nos provavelmente o sr. conde que a ha de proteger e desposar? Mas pense bem! Em que paiz, em que communhão religiosa ousará um magistrado ou um padre consagrar o matrimonio de uma senhora, cujo primeiro casamento foi reconhecido válido pelos tribunaes do seu paiz? quem ha de receber em sua casa uma senhora que não póde ser esposa? Pense n'ella e não em si! Nós confessâmos-lhe que trememos ao pensar no triste nome que a sentença de um juiz parcial, e o acaso de um julgamento vão infligir ámanhã á mulher a quem o sr. conde tem mais affecto que á sua propria vida.

«N'esta perplexidade, que ainda augmentou quando ouvimos os principaes juizes d'este processo aventarem claramente as suas opiniões, recebemos propostas dos letrados, encarregados de defender a causa do principe. Bem sabe que o principe não quer nem quiz nunca obter d'esse casamento mais do que poder transmittir a riqueza da condessa aos seus descendentes. A sua edade e as suas enfermidades tornam-n'o insensivel á posse de uma senhora juvenil e formosa. Encara com repugnancia e remorso, a triste necessidade em que se vê collocado, no caso em que se julgue processo, de deshonrar publicamente o nome de uma menina, a quem deu o seu, e que, ainda que assim não fosse, tão ligada está com a sua familia pelos laços do parentesco. Não póde hesitar em dar andamento a isto, se o sr. conde teima em interpor-se a elle e a Regina; mas se assim não acontecer, se o sr. conde desapparecer do processo, vendo diante de si uma criança, de quem tem dó e a quem respeita, lança sobre tudo o que se passou o véo da indulgencia paternal, consente em nunca exigir a residencia da sua mulher no seu palacio, deixa-lhe dispor á vontade de sua riqueza pessoal, e só lhe pede que continue a considerar-se sua esposa em casa de sua avó, e que se separe d'aquelle que deu tantos pretextos á malignidade publica. Os complices do rapto serão postos em liberdade logo que o principe retirar o seu aggravo. Em quanto ao sr. conde, só lhe pede que se retire por muito tempo de Roma, unica paga que exige do sacrificio completo que faz dos seus direitos e do seu resentimento. «Roma verá, diz elle, quem é mais generoso e mais verdadeiramente amigo da criança, se o supposto tyranno que lhe conserva a honra, e lhe restitue a liberdade, se esse juvenil estrangeiro que sacrifica ao seu amor a pessoa amada».

«Depois de terem assim fallado, retiraram-se, pedindo-me que reflectisse sósinho, e sem influencia estranha ao meu dever e ás propostas do principe e do governo...........................

....

«Não reflecti; soltei gritos de dor, atirando commigo ao lagedo da casamata. Tinha duas vidas na mão, a minha e a de Regina, sacrifiquei a minha. Accuse-me ella! Odeie-me! Amaldiçoe-me! Não importa. Tu conheces-me. Quando me indicam o meu dever, ainda que tenha de atravessar o fogo e conquistar a morte, cumpro-o..........................

....

«Quando receberes esta carta, estarei já fóra de Roma, para onde Regina poderá voltar. A sua familia e a sua sociedade hão de recebel-a como ella o merece. Será livre senhora da sua vida, encanto da casa de sua avó, idolo da patria da formosura. Dize-

lhe que me esqueça. É Clotilde quem lh'o ordena pela minha voz. Um dia talvez......................

....

«Parto depois de ámanhã para Hespanha, onde vou servir n'um regimento da guarda real, cujo coronel é meu tio. Sou eu o seu unico parente. Chama-me para junto de si; tem uma filha. Bem sei que elle nutre os seus projectos de união de familia. Já não posso amar pessoa alguma depois de ter amado o mais perfeito molde a que a natureza deu vida no mundo. Hei de embarcar para as Filippinas, irei para onde o nome da Europa me não persiga. Ninguem poderá encontrar vestigios meus no universo. Tu mesmo, não penses mais em mim, mas pensa, por minha causa, em Regina, e não abandones nem a ella nem á condessa em paiz estrangeiro, até que cheguem a Genebra os dois irmãos de sua mãe, que partem ámanhã a fim de a trazerem para Roma.....

....

«Ahi vão tres cartas para ella.

«Não lhe entregues a ultima, esse derradeiro adeus que eu lhe envio, sem a teres lentamente preparado a receber o golpe que lhe vibro para a salvar.

«Escreve-me duas regras para Madrid, quando ella estiver um pouco mais socegada, e dize-me que não me fulminou com a sua eterna maldição.»

O resto da carta continha infinitas recommendações sobre o modo como eu devia proceder para evitar que Regina recebesse subitamente o golpe.

XXXII

Não pude deixar de approvar o que Salucio fizera, deplorando ao mesmo tempo a fatal necessidade, em que se collocára, de rasgar o coração de Regina immolando o seu proprio coração. Não a consultára. Quem sabe se ella não preferiria o exilio na companhia d'elle á liberdade e á riqueza longe d'elle? Tão arbitrario era esse dever, que tinha de ser cumprido tão cruelmente? Salucio fazia-se a um tempo de juiz e de sacrificador, sem interrogar a victima! E comtudo, a delicadeza, a honra, a virtude, o amor até impunham-lhe esse sacrificio! A minha razão perturbava-se e desvairava-se na presença de uma tal situação.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

68.º

CARTA

Em o n. 38 do vol. VII do acreditado semanario de que v. é redactor, traz v. um pequeno artigo, em que, seguindo o diccionarista Moraes, dá por erroneas as expressões *construe*, *construes*, *construem*, e recommenda se substituam por *constroe*, *constroes*, *constroem*, fundando-se na especie de analogia que acha entre este e outros verbos em *ir*, que mudam n'aquellas pessoas o *u* do infinito em *o*, taes como *bulir*, *subir*, *fugir*, *consumir*, *acudir*, etc.; e ainda mais na do verbo *destruir*, em que geralmente se diz *destroe* e não *destrue*, apesar dos antigos.

Ora, sendo estes dois verbos, *construir* e *destruir*, compostos do simples *struir* ou *estruir*, parece-me que, tambem por analogia, se deve aquella regra ampliar aos outros compostos d'este verbo, e ao mesmo verbo. E dos compostos o primeiro que me lembra é *instruir*. Mas n'este veiu o artigo de v. fazer-me duvidar se hei de dizer e escrever *instroe*, *instroes*, *instroem*, para conservar a analogia e observar a regra posta, ou *instrue*, *instrues*, *instruem*, como me parece dizer-se geralmente.

A mesma duvida, ainda que a analogia aqui não é de tanta força, fez v. nascer tambem em mim a respeito de outros verbos, taes como *constituir*, *distribuir*, *luzir*, *produzir*, *illudir*, e compostos analogos; dúvida em que me confirma o dizer usual de algumas conspicuas pessoas d'esta terra, que pronunciam com toda a confiança: *distriboem*, *lozem*, *prodozem*, em logar de *distribuem*, *luzem*, *produzem*, como eu cuidava que era.

A v. , que com tão benevola condescendencia se presta a emittir a sua judiciosa opinião sobre as duvidas que a respeito da nossa lingua lhe são propostas, desejava eu dever a fineza de attender tambem a esta, e de esclarecer com o seu illustrado juizo, n'um dos proximos numeros do *Archivo Pittoresco*, o de v. etc. — *S.*

Villa de Rei, 17 de dezembro de 1864.

RESPOSTA

Nota muito bem o nosso obsequioso correspondente a anomalia de se dizer *constroe*, *constroem*, e não *instroe*, *instroem*, sendo ambos estes verbos compostos do latino *struere*.

Bom fôra que se restringisse a amplissima lista dos nossos verbos irregulares, e n'isto se tem já empenhado alguns philologos e grammaticos, mas em vão, porque o uso não recebe leis, quando se generalisa.

Quasi todos os verbos da terceira conjugação, que hoje são anomalos, eram d'antes regulares, como, *construir*, *acudir*, *fugir*, *destruir*, *consumir*, *sacudir*, *subir*; que se conjugavam: *construe*, *construem*: *acude*, *acudem*: *fuge*, *fugem*: *destrue*, *destruem*: *consume*, *consumem*: *sacude*, *sacudem*, etc. Depois o uso fel-os irregulares, sem que saibamos a razão; porque assim como dizemos: F. *constroe* um palacio, da mesma fórma deveriamos dizer: Este carro *obstroe* o caminho; porque ambos estes verbos tem a mesma derivação, e egual desinencia, pelo que não foi por euphonia que lhe intrometteram esta irregularidade.

A grammatica não tem alçada de abolir as leis promulgadas pelo uso dos bons escriptores, e n'este caso estão as irregularidades que nota o nosso correspondente. Se a tanto chegasse a jurisdicção grammatical, já se devia ter empregado para acabar com a praga dos verbos irregulares que ha em quasi todas as linguas, e que tanto difficulta o sabel-as correctamente.

Quanto á segunda parte da duvida que aponta o nosso benevolo correspondente, parece-nos que escusa demonstração, porque nunca vimos em letra redonda *distriboem*, *lozem*, *prodozem*, em vez de *distribuem*, *luzem*, *produzem*. E até nos admira que haja em Villa de Rei pessoas conspicuas que assim pronunciem, *com toda a confiança*, como chistosamente diz o nosso correspondente. Silva Tullio.

THEMAS CLASSICOS

Crispo — Folgára saber, isto de tirar o chapeo por cortezia, d'onde teria principio, pois não parece pergunta despropositada do que imos tratando.

Galacio — Plinio, na sua historia natural, nol-o diz. Que em Roma, no senado, se mandou por lei que ninguem podesse votar senão assentado, e descobrindo a cabeça, para desencalmado e socegado poder votar mais livre. E d'aqui se foi fazendo e convertendo esse costume em cortezia. Por quanto os romanos, por todas as provincias do seu imperio, usavam o mesmo que na corte, descobrindo a cabeça nas consultações, e em juntas e praticas. E d'aqui, quando se fallavam e topavam, descobriam tambem a cabeça. Dos quaes se foi tomando este uso de descobrir-se.

Miguel Leitão d'Andrada — Dialogo XVIII.